

Vertigem das Palavras

por Walter de Queiroz Guerreiro

Membro da Associação Brasileira e Internacional de Críticos de Arte – ABCA/AICA

No simulacro de uma experiência plástica assumem-se os papéis da vida

No grande jogo da existência, Érica Kaminishi nos conduz, através de uma experiência pictórica, a vivenciar nosso espaço interior. De grande rigor formal, sua exposição da Galeria Municipal de Arte Victor Kursancew em Joinville, causa à primeira vista a impressão de estarmos frente a mais uma releitura de experiências do movimento neo-concreto, na transcendência de novos significados para tempo, espaço, forma e cor. Círculos brancos sobre fundo preto ou ao inverso, seções de circunferências, deslocamentos induzidos pelas linhas encurvadas que atravessam figuras e fundo, tudo é no início, geometria pura. Ao nos aproximarmos vemos que as formas são geradas por frase incessantemente repetidas, e o campo é o espaço limitado de uma casa num tabuleiro de jogo. Casas alternadas, brancas e retas que bem se prestam a situações de conflito, da ordem contra o acaso, do indivíduo em relação ao universo, preenchidas pela artista com palavras, criando um diálogo, como rito de adaptação ao mundo.

Fica entretanto claro, que as pedras do jogo de Érica se deslocam numa espiral plana, permanência da afirmação do ser sobre a fugacidade do momento, e as linhas de força são um redemoinho, o “Maelstrom” de Edgar Allan Poe, nos atraindo inexoravelmente para seu vórtice, além da superfície. As linhas revelam-se palavras, frases contínuas, e o espectador passa à condição de participante de um jogo com a artista, que nos incita a mergulhar na leitura, a assumir o risco da compreensão de um sentido. Repetem-se assim as frases, em que a mensagem estabelece um discurso independente do destinatário, acrescentando um fim exterior à própria mensagem em um jogo dramático imposto quando ela afirma no tabuleiro que “o sujeito do jogo é o próprio jogo”. O desvendamento de uma frase conduz a outra, observador passando a condição de experimentador de um jogo que se joga, na tentativa de compreensão da própria obra, que é o jogo.

O encadeamento dessas frases, ao mesmo tempo que são parte constituinte do próprio jogo, servem na formação de uma consciência de alteridade do texto, de uma cognição que se constrói na interpretação da obra. O branco e o preto das pedras não são apenas símbolos de oposição, apontam na existência do cinza, período de mutação que possibilita a continuidade, o dinamismo do tempo e espaço sob a ação do homem.

No turbilhão de palavras proposto pela artista, manobra diversionista de sua real intenção, ela nos entrega o jogo: “este é o meu jogo. Existe liberdade no olhar, o meu nunca será como o seu. Joga-se como quiser. É um emaranhado de citações, segredos e charadas, mas apenas é um jogo de palavras”. Na vertigem das palavras, o impulso lúdico se torna impulso de arte, quando se torna consciência do valor de nossas ações e da relatividade de nossa consciência, sobre as aparências do mundo.

Joinville, Abril de 2004



Exhibition Between Addiction and Pure – MuMA Metropolitan Museum of Art
2003 Curitiba Parana, Brazil



Exhibition Between Addiction and Pure - Joinville Cultural Foundation
2004 Joinville Santa Catarina Brazil